

## O PÓS COVID-19 – REFLEXÕES

Luiz Carlos Corrêa Carvalho

**“Steve Jobs pegou a maçã que caiu na cabeça  
de Isaac Newton e mordeu para nos libertar  
do insuportável paraíso da ignorância.”**

Arnaldo Jabor

Desde o início dos anos 2000, tem-se a discussão entre os que julgam que o mundo não mais verá o nível de desenvolvimento já visto nos Séculos anteriores e os que entendem a era digital como uma nova ruptura tecnológica e de hábitos. Dois pensadores fizeram essa discussão em alto nível: Robert Gordon, Cambridge, EUA, que defende a hipótese que talvez o crescimento econômico dos EUA esteja em velocidade muito menor; cita como fatores que levariam a isso a demografia, educação, dívida e desigualdade, poderosos o suficiente para cortar o crescimento do país pela metade. Para que isso não ocorra, seria preciso muita inovação para equilibrar esse declínio. Mesmo com inovação, essas correntes de vento contrárias segurariam o desenvolvimento! Como exemplo disso, cita o crescimento da economia norte-americana em 2% ao ano entre 1891 e 2007; desde então, tem sido levemente negativo. Sua análise sintética das correntes de vento contrárias começa nas horas trabalhadas por pessoas que diminuem quando se as compara aos anos 1970 e 1980; a aposentadoria da geração “baby boomer” e a redução da força de trabalho de adultos do sexo masculino que está na metade da distribuição educacional. Com relação à educação, cita problemas no sistema educacional dos EUA com inflação de custo na educação superior que achata a inflação de custos em assistência médica. Com relação ao endividamento, há na educação superior uma dívida de estudantes de um trilhão de dólares e a taxa de conclusão da faculdade é de 15 pontos abaixo do Canadá, por exemplo. Outro fator citado é a desigualdade: a taxa de distribuição de renda se mostra mais lenta do que a média anterior em 0,5 ponto porcentual. A soma desses fatores contrários levaria a um potencial crescimento de 0,8% ao ano, bem abaixo dos 2% anteriores. E esse potencial ocorreria se tivémos inovações tecnológicas na altura do que se viu nos últimos 150 anos!

Outros analistas veem, diferentemente, uma continuidade na evolução tecnológica, principalmente o efeito digital, a consequência nos vários campos da economia e um ritmo constante de crescimento anual das economias. Eric Brynjolfsson, do MIT Sloan School of Management: Há 120 anos atrás as fábricas americanas começaram a usar a energia elétrica em suas operações, dando início à 2ª Revolução Industrial. É interessante observar que a produtividade não aumentou naquelas fábricas por 30 anos! Foi a outra geração que se aproveitou da flexibilidade da eletricidade para inventar novos processos de trabalho e, aí, a produtividade subia em dobro ou triplo. Tecnologias de utilidade geral conduzem ao crescimento econômico porque desencadeiam cascatas de inovações complementares como lâmpadas e reestruturação das fábricas. Na nossa era o exemplo disso é o computador! O novo mundo deve levar o ser humano a reinventar as organizações. O problema atual não é a produtividade, que sobe, mas a dissociação da tecnologia com os empregos e o fato que a renda do trabalhador comum está estagnada. Chamando a nova fase como a Nova Era da Máquina: Será a Mente e não a Matéria, o Cérebro e não os Músculos, Ideias e não as Coisas.....

Muitas das coisas, hoje, são de graça: Google, Wikipedia, Skype.... e isso não se mede na métrica do PIB, pelos economistas (produtos e serviços da Internet). Na Era do “Big Data” se pode medir o mundo de maneiras que nunca se fez antes.

Essa rápida revisão dos pontos de raciocínio desses dois grandes mestres colide, duramente, com a pandemia do ano 2000. Seria ela uma ruptura e aceleração desse agitado novo mundo digital ou mais um empecilho ao crescimento do PIB?

Essa visão macro do desenvolvimento é fundamental a quem se habilita a tentar ver o futuro e as possibilidades.

Traduzir essas alternativas para o Agro e, deste, para o agronegócio canavieiro é, claramente complexo e volátil. São tantas premissas para o “day after” da pandemia, para o processo geopolítico e para as políticas públicas brasileiras levando-se em consideração o grau de confiança do investidor nacional e estrangeiro no Brasil, que tal missão deve ser relevada quanto aos resultados previstos por análises individuais.

Na amplitude geopolítica, EUA e China se preparam, a cada momento, para um período mais crítico. As consequências disso serão sentidos por todos os países de formas diferentes. O mesmo se fala em relação ao Oriente Médio que esbarra, via petróleo, nos EUA, China e Rússia.

Na amplitude posição pró-americana do governo brasileiro, qual será o seu posicionamento com relação aos EUA e China? Alguns se lembram das dúvidas de Getúlio Vargas, entre nazistas e aliados....e o Brasil foi à guerra!

Quanto ao Brasil, é um fato o seu destino de grandeza, com o Agro.... mas o destino não é dado a ninguém e, sim, construído pelo país e suas lideranças. Escorregamos na Amazônia, enquanto dávamos as costas ao Acordo de Paris: graves erros! Ainda há tempo para a correção e se espera que venha a acontecer rapidamente.

Os analistas do que deve ser o novo mundo no Pós COVID-19 mostram convergência em alguns pontos essenciais:

- a) Foco global nas mudanças climáticas face o seu potencial de risco para as sociedades dos países;
- b) Foco em saúde, onde chama a atenção a questão da poluição local e da regional.

É justamente isso que deve levar o atual governo brasileiro a rever sua forma de posicionar as suas prioridades de ação nos campos do que será o futuro: entre outros aspectos também relevantes, o Agro e sua sustentabilidade, seus efeitos na oferta de alimentos e de biocombustíveis e, no campo também global, o combate à poluição.

Alguns parâmetros que sugerem senso de urgência nesses pontos, em especial na questão da poluição do ar, e um recente estudo de Harvard -EUA (Xiau Wu) que caracterizou o fato que apenas  $1 \mu\text{g}/\text{m}^3$  de material particulado de 2,5 mm no ar estaria associado a um aumento de 8% na mortalidade por COVID-19 (pulmões e sistema circulatório). Para se ter uma ideia do que isso significa, Nova Deli (Índia) tem mais de 6 vezes o índice de material particulado de São Paulo! A diferença entre as emissões das duas cidades é o etanol!

Esse exemplo amplifica o potencial do etanol na mistura com a gasolina para os países da Ásia toda, além de outras regiões.

O mesmo etanol, ao substituir a gasolina assim como o gás metano (produzido de resíduos da produção de açúcar e etanol) pode substituir o diesel, é o grande exemplo da biomassa baseado em Carbono, Oxigênio e Hidrogênio substituindo Hidrocarbonetos! É o Acordo de Paris! É a linha de redução das emissões de carbono para mitigação das mudanças climáticas.

Um rápido olhar para o momento vivido pelo Brasil, de intensas críticas externas com relação ao desmatamento e incêndios na Amazônia, independentemente do fato real, traz o risco claro das ações que serão vistas no PÓS-COVID 19, quando o consumidor ditará as atitudes das grandes redes compradoras de commodities no mundo todo: se o produto for sustentável, sem problemas! Assim, vale o antigo ditado romano que *“não basta a mulher de César ser séria, ela tem que se mostrar séria.....”*

Hoje é uma rede de varejo enorme britânica – TESCO – pressionando; amanhã, uma chinesa, e assim será!

Para o setor canavieiro, intensamente exportador, a demanda interna de etanol é um mercado muito valioso e crescente! Também importante é o mercado externo ao açúcar. O mundo pós pandemia dá sinais preocupantes de um novo protecionismo, que o Pascal Lamy (ex-FMI) chama agora de precaucionismo, danado por ser discreto e, ao mesmo tempo, podendo ser muito pior do que já não gostamos. Assim como Brasil estará cada vez mais dependente das suas exportações, o açúcar estará enquadrado nisso. Com o enfraquecimento da OMC – Organização Mundial do Comércio – o Brasil vê com muita preocupação os mecanismos que o ajudaram na luta contra o protecionismo, em claro crescimento.

Desse modo, inúmeras serão as questões que comandarão o que virá no futuro próximo. Fingir ignorância ou agir como o avestruz em nada auxiliará o país.

O novo mundo será, assim, tão diferente? Descoberta a(s) vacina(s) não haverá a tendência de voltarmos ao que era?

Provavelmente muita coisa voltará, pois o ser humano precisa do contato. No entanto, o que mostrava sinais de mudanças antes do COVID-19 irá se acentuar ou ser acelerado. As questões ambientais e de saúde serão claramente priorizadas! Para o Agro, é uma grande oportunidade. Recente decisão precipitada de governo, reduzindo em 2 pontos percentuais a mistura do biodiesel é um mau exemplo, reduzindo a confiança empresarial e, com isso, investimentos no país.